

26 de julho de 2024  
nº6  
ano 3

Tatuí - SP

JORNAL

BULLI

20<sup>o</sup>  
FETESP

FESTIVAL  
ESTUDANTIL  
DE TEATRO  
DO ESTADO  
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório  
de música e teatro





*NO FRESCOR DA HORA*

**6**

**LIBERDADE, ABRE AS SOBRE NÓS! OU SOBRE  
VOOS E VIBRAÇÕES**

SORAYA MARTINS

**11**

**CALUNGA! QUANDO EU MORRER, ME LEVE  
PARA VER O MAR**

SORAYA MARTINS

**16**

**O CORPO DESSA MULHER É UMA ARMA**

RAFA BREVES



APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

21

**ME DEI A IDEIA DE QUE SOU AMADA! MEDEIA,  
EU SOU!**

ANA JULIA DOS SANTOS

26

**REHISTORIZAÇÃO**

LUCAS ROSÁRIO

CHARGES

31

**LIBERDADE LIBERDADE**

KAIÃO

32

**MEDEIA**

KAIÃO

33

**QUEM É?**

TADEU RENATO

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

34

**DIFERENTES SABERES, DIFERENTES LUGARES,  
DIFERENTES HISTÓRIAS, MAS QUE, NO FIM, SE  
ENCONTRAM.**

NATALY REIS



37

**DIVERSIDADE E ENCANTAMENTOS**

DAVID RODRIGUES DA CONCEIÇÃO

*AINDA REVERBERA*

40

**SOBRE IRMÃS E CORAGENS**

GABRIEL IAGO

43

**SOBRE NÓS**

ANA LETÍCIA NUNES

45

**NOSSOS CORPOS SÃO ASSENTAMENTOS**

LOHU SARON

47

**O MEU VESTIDO DE NOIVA DO CASAMENTO DA  
MINHA IRMÃ**

JAMES FURLANETO

49

**PENSEM NAS CRIANÇAS**

MURILO DELESPOSTI

53

**PELA PRIMEIRA VEZ TIVE VONTADE DE  
ESCREVER**

INGRID MANGOLINI DOS ANJOS



55

**ESTE (NÃO) É UM TEXTO PARA O JORNAL BULI**

IVAN FREITAS

57

**PEÇA-CONFORTO**

SOPHÍA “SOSA” SALVI

59

**CONCLUSÕES**

SOPHÍA “SOSA” SALVI

*BASTIDORES, POR CAMILA FONTENELE*

62

**LIBERDADE<sup>23</sup>**

64

**CORPOS TERRITÓRIOS**

*EXPEDIENTE*

65





# LIBERDADE, ABRE AS SOBRE NÓS! OU SOBRE VOOS E VIBRAÇÕES

POR SORAYA MARTINS

*apreciação do espetáculo Liberdade<sup>23</sup>, a partir do painel conduzido por Lígia Helena – VQV e Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí.*

**L**iberdade? O que é? Como pensar a liberdade no e com teatro e, também, para além dele? O TCC de Cênicas, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), trança, no espetáculo *Liberdade<sup>23</sup>*, um teatro político-po[ético]

para falar de liberdades. Esse substantivo feminino que aponta para o conjunto de direitos reconhecidos ao indivíduo, isoladamente ou em grupo.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, no livro *O perigo da história única*, sinaliza sobre o perigo de se contar uma história a partir somente de um único ponto de vista, produzindo, entre outras coisas, senso comum e estereótipos. Chimamanda evidencia a necessidade e a urgência de se abordar assuntos sob pontos de vista e perspectivas plurais: “Mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, e será o que ele se tornará”.

E se começássemos a história do Brasil  
sob o ponto de vista dos(as) indígenas,  
das(os) nordestinas(os)  
e/ou de uma mulher negra?  
Quais histórias teríamos?

O espetáculo do TCC de Cênicas pensa a liberdade em seus vários campos de significação: religioso, econômico, sexual e, principalmente, de expressão, com intuito de refletir sobre a história do ocidente e do Brasil, numa aula que transita entre Roma Antiga, Revolução Francesa, Revolução Haitiana, Independência dos países africanos e do Brasil. Constrói-se todo um trânsito para poder ler a contrapelo a história, ou seja, para contá-la por meio de outras formas de ver e sentir.

*Brasil, meu nego / Deixa eu te contar / A história que a história não conta / O avesso do mesmo lugar.*<sup>1</sup>

E o mais interessante aqui é pensar como se articula política e po[ética], indissociáveis, ao meu ver, em cena. Desconstrói-se o texto dramático de Milôr Fernandes e Flávio Rangel, *Liberdade Liberdade*,

<sup>1</sup> Trecho do samba enredo *História para ninar gente grande*, da escola de samba Mangueira, de 2019. Tal trecho é cantado em cena. 7

do início da Ditadura Militar, para fazer surgir dessa desmontagem uma releitura crítica do Brasil, através de samba-enredo, da cultura do carnaval e de personalidades brasileiras comprometidas com os direitos dos indivíduos e com a luta antirracista.

A beleza e a magnitude desse espetáculo, como bem dito por João<sup>2</sup>, também residem na forma como as atrizes e os atores estão em cena: falam de liberdade sendo livres. Sendo corpos vibrantes, com brilho nos olhos, que fazem do teatro uma linguagem artística que entretém, politiza e sensibiliza.

Assim como os corpos, cada escolha estética vibra para performar a liberdade: a dramaturgia transborda nos figurinos, a partir da livre escolha que cada atriz e ator teve para escrever aquilo que melhor a/o representa: Tereza de Benguela / Dança / Ruth de Souza / Liberdade é uma luta constante / Fogo nos racistas.






*Liberdade*<sup>23</sup> é voo livre vibrante, uma aula de história, uma reflexão crítica que pensa passado, presente e futuro com atuações que reverberam no corpo da gente.

<sup>2</sup> João Fabbro, professor do Conservatório.



FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE





# **CALUNGA! QUANDO EU MORRER, ME LEVE PARA VER O MAR**

**POR SORAYA MARTINS**

*apreciação do experimento cênico da residência artística Vissunga! Para cantar experiências de vida, morte e vida de novo, a partir do painel conduzido por Thaís Póvoa – VQV e João Fabbro – Conservatório de Tatuí.*

**O**ntem eu fiz um percurso muito bonito no 29º FETESP. Assisti, às 14h, o espetáculo *Liberdade*<sup>23</sup>, que trouxe para cena a discussão sobre liberdades e modos plurais de apreender e contar a história, para além do senso comum e estereótipos. Vi em cena corpos vibrantes e comprometidos com

outras formas de ver o mundo. Logo em seguida, na Praça da Santa, às 16h, assisti *Vissunga! Para cantar experiências da vida, morte e vida de novo*, fruto da oficina-montagem, conduzida por Luciano Mendes de Jesus e delicadamente abraçada por estudantes de vários grupos que vieram para Tatuí viver o festival.

O cenário-praça, espaço público, deu uma dimensão ainda mais poética e política para *Vissunga!* Entre pássaros, urubus e passantes e o sol quase se indo, vi instaurar uma outra forma de sensibilidade em cena, uma outra forma de contar histórias, em que vivos e não vivos/visíveis e não visíveis habitam o mesmo espaço-tempo.

*Vissunga! Para cantar experiências da vida, morte e vida de novo* trouxe para o palco da rua tradições e saberes bem diferentes do modo eurocentrado de ser e estar no mundo. Apresentou para o público miradas novas para pensar o ciclo da vida, a partir da tradição Bantu: a gente nasce, vive e morre para nascer de novo. Nessa cosmovisão, ou seja, nesse modo de ver e apreender as coisas no mundo, a vida não é uma linha reta, com começo, meio e fim, mas uma espiral com começo, meio e começo de novo. A vida é uma espécie de performance do tempo espiralar<sup>3</sup> em festa.

Para fazer sentir esse espiral, *Vissunga!* levou para a praça os vissungos, cantos de origem Bantu, como forma de falar de outra maneira, como forma de mostrar o som que emana do corpo e faz dele – corpo – um território cultural potente e vibrante.

Aqui, se cantou a experiência de vida-morte-vida a partir de uma est[ética] afro-brasileira, desenvolvida entre as pessoas escravizadas de diversas etnias

<sup>3</sup> Referência ao título do livro *Performance do Tempo Espiralar*, da poeta e pesquisadora de teatro Leda Maria Martins. Leiam esse livro!

## NO FRESCOR DA HORA

que habitaram o interior de Minas Gerais. Nessa dimensão po[ética], o canto e o corpo performatizam a liberdade de poder expressar tradições, saberes e visões de mundo.

Esse trabalho é da ordem das delicadezas poéticas-políticas, do sol que brilha para iluminar cantos-corpos, conhecimento e histórias outras.

Para ver o mar, me leve quando eu nascer. Calunga!



FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE





# O CORPO DESSA MULHER É UMA ARMA

**POR RAFA BREVES**

*apreciação do espetáculo **Corpos Territórios**,  
a partir do painel conduzido por Lígia  
Helena, Thaís Póvoa – VQV, Valéria Rocha e  
João Fabbro – Conservatório de Tatuí.*

**O** espetáculo **Corpos Territórios**, do Teatro Escola Macunaíma, foi a última encenação estudantil do 29º FETESP e logo em seu início já apresentou à plateia seu propósito de desconstruir estereótipos e desafiar as narrativas tradicionais.

## NO FRESCOR DA HORA

As mulheres em cena, inspiradas na figura mítica de Medeia, foram apresentadas como seres complexos, cujas emoções e decisões são guiadas por uma profunda compreensão de si mesma e do mundo ao seu redor. A peça não se limitou a recontar a tragédia clássica: ela ampliou a discussão, trazendo à tona questões contemporâneas sobre a posição da mulher na sociedade, suas lutas internas e a forma como é percebida pelo outro.

O uso do corpo como ferramenta narrativa é uma das características mais marcantes do espetáculo. “É um espetáculo-partitura”, avisou uma das atrizes em um monólogo inicial. E se utilizando da prática de Viewpoints, a encenação de fato valorizou a expressão corporal como meio de comunicação, utilizando movimentos precisos e simbolismos para transmitir a jornada emocional de cada um em cena, utilizando-se, também, assim como em outros espetáculos desse festival, do texto épico e narrativo, com muitas sentenças.

Uma delas é: “Terra da gente é a terra da gente”. Essa frase foi dita várias vezes durante a peça, bem como outras expressões que se repetiram e se desdobraram.

Contudo, essa me marcou, pois o grupo optou por trazer a terra de forma literal. Com uma delimitação de tijolos, muitos quilos de terra foram trazidos ao Teatro Procópio Ferreira para que, com pés descalços e roupas jeans, os atores pudessem criar imagens potentes que colaboraram para criar um ambiente envolvente e sensual, que foi retratado de várias formas, principalmente nas “festas que as mulheres prepararam com coisas que explodem”.

<sup>4</sup> Viewpoints é uma prática pedagógica e artística baseada no movimento que fornece uma estrutura para a criação e análise da performance, explorando as relações espaciais, a forma, o tempo, a emoção, a mecânica do movimento e a materialidade do corpo do ator. 17

Pow!

Explode o espumante! Explode a energia, o amor, a violência. Medeia, entrecortada, aparece e reaparece nos gritando que é do “tamanho do amor”.

Um amor que ultrapassa barreiras. Fronteiras. E que bonito é ver os atores trazerem em cena as problemáticas dos territórios e de como eles são determinados e instituídos.

Grada Kilomba, em uma entrevista no programa Roda Vida, destacou que os conceitos de fronteira vão além das questões geográficas, sendo também simbólicos e psicológicos. Kilomba argumenta que a colonização não apenas ocupa territórios físicos, mas também impõe fronteiras culturais e identitárias, definindo quem pertence ou não.

E as mulheres pertencem? Cubanos pertencem? E os sírios? Pertencem?

Medeia se faz pertencer. Seu corpo é uma arma, apontada para a cara do patriarcado, explorando a multiplicidade da experiência feminina e do seu símbolo de autonomia.

Que “o sonho que a gente sonha toda noite” possa ser aquele com tiros, que na verdade são fogos de artifícios que evocam o mito, a força.

Evóe, Medeia!

FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE







# ME DEI A IDEIA DE QUE SOU AMADA! MEDEIA, EU SOU!

POR ANA JÚLIA GONÇALVES

*bolsista estagiária de apreciação crítica  
para o espetáculo Corpos Territórios.*

**M**e dei a ideia de que sou amada! Percorri cada canto da cidade, observei uma mulher síria, desviei da minha vizinha paulista e vi a cubana. Mesmo com todo esse perímetro percorrido, quadrado igual a um texto justificado, precisei chegar até as franjas urbanas para entender os meus limites.

Os limites do território que chamo de corpo. Me afeito por esse mar que sempre sinto tanta falta, pois tenho a memória afogada a partir do sentimento mapeado. O sentimento vivenciado nessa pesquisa tônica no Sistema Stanislavski pela qual a Escola Macunaíma reivindica Medeia no 29º FETESP. Me preparo para reviver o mito e transformá-lo em rito, te peço licença para contar não só sua história, mas também como somos convidadas pela peça: a contar uma nova história. As suas filhas não enxergam o seu marido, o pai delas. As nossas filhas querem um namorado igual ao nosso marido, o pai delas. As nossas filhas, dessa vez, são uma atriz que sobe com os pés descalços em cima das costas de cada homem deitado de barriga para baixo no chão; suas cabeças estão voltadas para baixo e a garganta bem rente à quina do palco, à espera do juízo final.

As nossas filhas vão de costas em costas, à procura de um lugar que dê firmeza para que possa se estabilizar também; vemos que há certa inquietude, pois a atriz nunca acha. As nossas filhas querem um namorado igual ao nosso marido. “Tem essas palavras que eu tô te dizendo há horas e se precisar te digo de novo” e digo muito obrigada por me dizer, de novo, pois somente após algumas repetições dessa frase pude compreender e pude realmente sentir. Mas às vezes é preciso dizer mais, de novo, de novo, de novo, de novo, de novo, de novo, até virar uma bomba-relógio, prestes a explodir. O corpo de uma mulher é uma arma, assim como você me disse, Medeia. O corpo de uma mulher é uma máquina, Medeia, infelizmente, assim como você me mostrou. Você corria, disparava, trotava incansavelmente ao redor do quadrado de tijolos preenchido de terra, local em que tinha elementos de uma casa

como um sofá vermelho, mesa e geladeira branca no cenário. Dentro da casa tinha uma festa ao som de Madonna, para os atores de jeans com cores neons, uma dança não coreografada, quedas propositalis de pessoas, afetos e outro simbolismo: o casamento indesejado. Também posso fugir com você? Talvez nem todo mundo tenha entendido que era por isso que você corria tanto, mas confesso que tudo parou naquele momento. Enquanto uma atriz corria, a outra saiu da festa e parou para beijá-la.

A questão é que eu gosto de você, Medeia, gosto de ser mulher e gosto de você também ser mulher, principalmente de como colocamos isso na cena. Entre tantas irrealidades de afeto, ver corpos se atravessando é compreender que um beijo no palco possui muitos caminhos de entendimentos. O afeto te machuca? Você machucaria por amor, ou mataria por amor?

Já no início do espetáculo os atores começam com duas partituras em repetição: saltar e apontar com os dedos, em formato de arma. Mas Medeia, você disse que não iria se matar. Mas ao final da peça, todas as atrizes terminam com os dedos apontados para o público. Se sou plateia, morro, mas por quais outras formas, até mesmo lúdicas, eu poderia fazer essa passagem? Nessa quebra de ciclo, que tem como objetivo a forma de desfazer essa injustiça, você mata suas filhas, Medeia. Ao longo da sua luta você busca afeto, muitas vezes o mais perto que recebe é um desafeto que reverbera em foda-se. Foda-se, foda-se, foda-se, foda-se por não te escutarem acima de tudo. Sempre vindo de um mesmo conflito-disparador: o homem. O homem que possui uma imagem, tomando café repetidamente, na TV. Como se fosse um ciclo, o tempo passa, as expe-

riências são vividas e a sensação é de que sempre será igual. Mas eu te ofereço tudo o que tenho, o meu amor, e te dou a ideia, as palavras, a sensação, a certeza de que é amada. Giulia, Carol, Mayara, Andrea, Giovana, que me acolhem na reivindicação desse território, te incorporam e usam da energia de suas materialidades para construir a fogueira do seu próximo mito, que será repleto de amor. Me dei a ideia e também te dei a ideia de que somos amadas! Medeia, é você que lê.





# REHISTORIZAÇÃO

POR LUCAS ROSÁRIO

*bolsista estagiário de apreciação crítica,  
para o espetáculo Liberdade<sup>23</sup>.*

Venho citando Bertold Brecht (1898-1956), mas peço licença para assim fazer mais uma vez. O Coletivo TCC Cênicas apresentou a peça *Liberdade<sup>23</sup>*, dirigida por Miriam Rinaldi, na qual a história tem papel fundamental. Meu retorno à Brecht vem com o poema *Perguntas de um traba-*

*Ihador que lê* (1935), que começa suas primeiras linhas da seguinte forma “Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas? Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras?” Esse trabalhador está “escovando a história a contrapelo”, conceito criado por Walter Benjamin (1892-1940). Foi numa escovação que o elenco articulou a dramaturgia de Millôr Fernandes (1923-2012) e Flávio Rangel (1934-1988) para resgatar nossas memórias.

O historiador Ulpiano Meneses, em seu artigo *A História, Cativeira da Memória?* (1992), divide a memória em três tipos: a individual, a coletiva e a nacional. Minha memória individual pode ficar guardada anos a fio; para que ela emerja, será necessário pelo menos uma outra pessoa. Por exemplo: tenho memórias de meus amores de infância, empoeiradas. De repente, numa mesa de bar, alguém diz “me fala dos seus amores da infância”, aí passarei a resgatar os eventos. Já a memória coletiva está inserida nos grupos sociais, situados num determinado tempo e espaço, mas que convive com outras. É assim que é possível alunas de uma escola pública terem memórias diferentes de alunas de uma escola privada sobre um mesmo assunto, de como passaram pela escola, o que lembram dos conteúdos, etc. Ainda, as memórias da minha mãe sobre a escola dela, divergem muito das minhas memórias da escola. Mas ambas coexistem. Falamos delas, trocamos a partir delas. E por último a memória nacional, que é a soma de todas as memórias coletivas, que dita “a história verdadeira”. Os livros didáticos, fornecidos pelo Estado, são um bom exemplo. Eles podem escamotear fatos, distorcer alguns e exaltar outros, criando, desse modo, toda uma ideologia nacional.

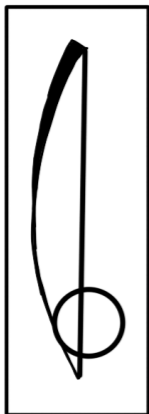
Na peça há fortes questionamentos sobre a memó-

ria nacional. Vamos pegar aqui o quadro que trouxeram para a cena *Independência ou Morte*, pintado por Pedro Américo (1843-1905), e que está hoje no Salão Nobre do Museu do Ipiranga, sendo bastante imponente, pois mede 4,15m de altura por 7,60m de largura. A historiadora Lilia Schwarcz faz apontamentos sobre esse quadro, dizendo que Pedro Américo escreveu um livro falando sobre a pintura, no qual ele diz que “a realidade inspira, mas não escraviza”. Foi então que ele utilizou pinturas europeias que representavam cenas históricas de batalhas, cheias de gestos imponentes, sendo uma dessas *A Batalha de Friedland*, pintada pelo artista francês Ernest Meissonier (1815-1891). Aliás, se a leitora der uma olhada nesse quadro de Meissonier, irá constatar que Pedro Américo quase deu um Ctrl+C/Ctrl+V. Américo eleva o terreno do Ipiranga, mesmo sabendo que este era plano, mas ele não podia colocar “o maior símbolo da nação” (Dom Pedro) num terreno baixo. A viagem de Dom Pedro não foi feita a cavalo, mas num burro. A tela, que foi pintada em Florença, na Itália, chega ao Brasil em 1888. O Museu do Ipiranga não estava pronto, o quadro é embrulhado e fica guardado no porão da Faculdade de Direito de São Francisco. Então, entra em cena, chutando a porta, a dona Ironia do Destino. Em 1889, portanto um ano depois da chegada do quadro, temos a proclamação da República. Como colocar um quadro na parede que aclama a monarquia?

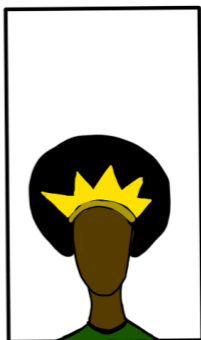
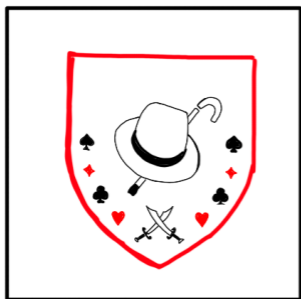
Ainda assim, no imaginário nacional esse quadro representa “o que aconteceu de fato”. Vem essa ferramenta maravilhosa, o teatro, abraça o Coletivo TCC de Cênicas, e desvenda para o público outras facetas do que é contado por aí. É o trecho

do samba enredo *História Para Ninar Gente Grande*, gravado nas calças de um dos integrantes do elenco “deixa eu te contar a história que a história não conta”. Chacoalhando as memórias nacionais, o Coletivo inflamou as reminiscências coletivas. Que os fatos recontados hoje se multipliquem por aí através da *Liberdade*<sup>23</sup>, quiçá, desse modo, possamos ceifar erros históricos indecorosos.





ABRE  
AS  
ASAS  
SOBRE  
NÓS



KAIÃO



KAIÃO



TADEU RENATO

**DIFERENTES  
SABERES,  
DIFERENTES  
LUGARES,  
DIFERENTES  
HISTÓRIAS, MAS  
QUE, NO FIM, SE  
ENCONTRAM**

POR NATALY REIS

*estudante do 2º ano de artes cênicas no  
Conservatório de Tatuí*

Resgate

Necessidade

Ação

Liberdade

Acolhimento

Resistência

## CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

### Transmutação

Experiência

Amor

Respiro

Coletivo

Desafiador

Ofício

Respiro

Pulsação

Descobrimento

Labuta

Condição

Libertação

Casa

O que o teatro é para você? O que o teatro significa para você? O que o teatro representa para você? O que é o teatro para você?

Confesso que essa pergunta feita pelo núcleo de pesquisa (EN)cena de Tatuí ainda ecoa.

Era 9h da manhã, no CEU das Artes. Manhã fresca, mas logo o sol começou a ganhar força. De prontidão, já nos fizeram a pergunta. Aquilo era apenas um sinal do que estava por vir. A pergunta não era apenas uma introdução, mas uma provocação, uma incitação à introspecção e ao compartilhamento.

Então, fomos para a prática: alongamos. Andamos. Caminhamos. Corremos. Paramos. Cantamos. Dançamos. Respiramos. 1, 2, 3. Medusa. Memória. Construa um personagem. "Que animal é esse?" "Que som ele faz?" Construa um personagem. Gritamos. Pula-mos. Nós nos entregamos. Nós nos entregamos. Nós nos entregamos.

## CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Como é bom se sentir em casa, ou, como é bom não estar em casa. Para cada um, uma história diferente, um motivo distinto de estar ali. Muitas histórias se cruzam, outras são completamente diferentes, mas todas, em alguma medida, se encontram.

Muito obrigada, grupo (EN)cena! Vejo vocês nas ocupações e nos palcos.



# DIVERSIDADE E ENCANTAMENTOS

POR DAVID RODRIGUES DA CONCEIÇÃO  
*estudante da escola Nair Guilhermina  
Pinheiro Nogueira, de Ribeirão Preto.*

**D**urante meus poucos dias circulando pelo 29º FETESP pude perceber que há uma grande variedade de pessoas com estilos, vivências, identificações e orientações sexuais, vindas de diferentes territórios. O que mais me chamou a atenção foi que durante o evento, não há nenhum jul-

gamento ou discriminação, por parte de ninguém! Achei magnífica a forma como os participantes e a organização do festival se tratam, e fico imaginando como seria, se todo o nosso mundo fosse assim em cada cidade, estado, país. Tanto respeito dentro do peito e sem julgar nem maltratar. Onde as pessoas conversam tranquilamente sobre o que ocupa suas mentes, as vivências que carregam dentro de si, sem elevar a voz, de maneira casual, com respeito embutido em cada palavra, em cada frase dita por alguém.

Encantado com a diversidade, decidi fazer uma breve pesquisa sobre as orientações sexuais de algumas pessoas presentes no festival. Meu objetivo não era ficar sabendo com quem as pessoas se relacionam, como uma curiosidade qualquer, mas para colocar em número o que eu senti vivendo durante esses 5 dias de encontros; formulei a questão para 80 pessoas, o que não é tão extensa (comparada com o número de pessoas que vieram para o Festival), sem considerar nenhum critério específico. É apenas uma amostra de uma vivência tranquila com a diversidade, experiência que vou levar comigo e espero que todos carreguem consigo uma marca desse evento. Desejo que possamos ecoar essa maneira de tratar as pessoas mundo afora e assim, nem que seja aos poucos, transformar a maneira de se enxergar ou, ao menos, amenizar, tornando nossos ambientes melhores.

Fico agradecido e anseio por um reencontro com todos. Obrigado por esse espetáculo que foi o 29º FETESP.

FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE



# **SOBRE IRMÃS E CORAGENS**

**POR GABRIEL IAGO**

*estudante do ATUARÁ escola de teatro de  
Jundiaí, SP.*

**U**ma criança preta, pobre, drogada, prostituída e analfabeta, é uma enorme vitória para a estrutura de poder sociopolítico capitalista de consumo vigente.

O conjunto de histórias representadas de forma extraordinária pela Cia Coxixo em *Irmãs Coragem*,

retrata de forma fiel a realidade do nosso país. Histórias como essa que vimos se repetem todos os dias nos cantos mais escondidos do Brasil e são histórias que nem sonham em serem retratadas pela grande mídia, pois essa mídia a qual temos acesso têm interesses de cor, de classe e de gênero.

Para eles, o extermínio dos meus é apenas um número, uma estatística, uma vida preta, LGBTQIAPN+ ou periférica a mais ou a menos. É somente, e tão somente um número frio e sem importância. Mas cada uma dessas vidas arrancadas pela violência era única; cada uma dessas pessoas teve sonhos, desejos, alegrias e tristezas. Essas pessoas que não possuem "nada", perderam a única coisa que tinham e, conseqüentemente, a de maior valor: suas próprias vidas

Alguns justificam esse genocídio como "Elas roubam, elas fedem", mas ninguém tem a ousadia de se questionar o motivo delas estarem nessa situação, pois ninguém vira uma "Irmã Coragem" simplesmente porque quer ou porque não se esforçou o suficiente. Foi um conjunto de fatores socioeconômicos que corroborou para que elas, assim como milhões de pessoas em nossas metrópoles, sejam sujeitas a esse tipo de situação. Entre elas, é possível citar a miséria, a fome, a violência a LGBTQIAPN+fobia, o racismo, entre diversos outros fatores que estão pavimentados uns aos outros, e que são essenciais para manutenção da nossa pirâmide social a qual somos fadados a sustentar desde quando saímos do ventre de nossas mães.

Outro ponto que pode ser destacado é a hipocrisia daqueles que falam em nome do SEU Deus, da

pátria e dos bons valores e costumes. Quando esses valores são colocados à prova ao entrarem em desacordo com as Coragem, são desmascarados e nos é demonstrada a face mais vil e cruel do preconceito e da ignorância, onde em um dos finais apresentados leva ao brutal e covarde assassinato de três garotas pretas em situação de calçada.

Finalmente, não é possível escrever sobre esse espetáculo sem citar o ato de ousadia em representar um final diferente para a história de um povo que sempre foi retratado morrendo, chorando ou sangrando. Mas em *Irmãs Coragem*, graças aos projetos sociais que impactam, inclusive na vida dos próprios atores, essa família foi exceção à regra e finalmente teve um final feliz.



# **SOBRE NÓS**

**POR ANA LETÍCIA NUNES**

*estudante da escola Nair Guilhermina  
Pinheiro Nogueira, de Ribeirão Preto.*



Sobre nós, algo delicado

Um tanto quanto exagerado

Quando falam sobre nós

Eu imediatamente mudo de assunto

Porque gastar a sua voz

Com algo tão fútil

## AINDA REVERBERA

Sobre nós, foi fácil esquecer  
Mas ainda preciso esconder  
Que ainda gosto de você  
Que sinto falta do seu abraço  
Seu beijo, seu cheiro  
Sinto falta de senti-lo  
Mas isso não faria sentido  
Se sobre nós eu já teria esquecido  
Mas e daí? Eu já te esqueci  
Mesmo assim me pego pensando à toa  
Se estou querendo me provar isso  
Ou provar para outras pessoas  
Céus! Como poderíamos ser só amigos  
Nossas memórias já chegaram a outro nível  
Me apavora sentir a sensação  
Que você vai embora  
Ou até mesmo que você vai se apaixonar de novo  
E não vai ser por mim  
Mas e daí? Se sobre nós, eu já esqueci  
Prefiro deixar esse sentimento guardado  
Para caso você queira um recomeço menos exa-  
gerado  
Se contrário, saiba que sobre nós  
Eu já tenho superado



# **NOSSOS CORPOS SÃO ASSENTAMENTOS**

**POR LOHU SARON**

*estudante do 3º ano de artes cênicas no  
Conservatório de Tatuí.*

Quanto vale a sua liberdade?

Você é livre de verdade?

O silêncio toma conta

A pergunta sem resposta

## AINDA REVERBERA

Nem sempre se contesta

A ansiedade se apossa

Não tem solução pra esse problema

Eu trabalho o dia todo pensando em sair desse buraco

Eu nem penso só executo

Vivendo no automático

O aprisionamento de corpos é justiça?

Se eu te trombo você atira?

O meu corpo nessa mira

Se você não me enxerga me atropela

Cria de quebrada, filho de mãe solteira

Que se fodeu a vida inteira pra seus dois filhos criar

Você acha que ela prega algum dia o olho sem se lembrar?

Foram duas crianças, crescendo juntas, criadas da mesma forma pela mesma mulher

E o que você pensa que ela quer?

É impossível de saber sem perguntar e talvez até ela mesma não saiba expressar

Seu peito dilacerado, vendo um de seus filhos deitado, com o corpo sendo velado

Não tem mais ar pra respirar.

Não tem mais nada.

A liberdade é uma cilada, frase feita, palavra cantada, poesia lírica de uma voz que cria, grita e silencia.



# O MEU VESTIDO DE NOIVA DO CASAMENTO DA MINHA IRMÃ



POR JAMES FURLANETO

*estudante do 3º ano de artes cênicas no  
Conservatório de Tatuí.*

**R**eflexo, espelho, duplicados, irmãos, gêmeos, cara de um, focinho do outro, Edson e Elder, acima de cinco anos abaixo de oito, abaixo de um teto baixo, acima de um chão curto; quem é aquele maluco que fala que dois corpos não ocupam o mesmo espaço? Tem quem queira que fos-

## AINDA REVERBERA

*se mentira: uma mulher apaixonada pelo noivo da irmã, ou uma mãe que tem trabalho dobrado com os filhos gêmeos. Quem foi a maluca que concebeu o mundo duplicado?*

-A senhora poderia trazer o RG do Elder, por gentileza?

-Aqui.

Enquanto uma levanta a mão direita, a outra levanta a esquerda; “CORRE” um engatinha e o outro senta; as coisas deixam de ser espelhadas e passam a ser opostas “Alaíde” “Oi” “Eu”

-Esse é o RG do Edson, senhora.

-Pode ser esse mesmo, não tem problema.

“Lúcia” “...” “Alaíde?” “Aqui” “Presente” “Quem é Lúcia?”  
“Ela” “Ela”



# PENSEM NAS CRIANÇAS

POR MURILO DELESPOSTI

*estudante da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto - MG) e bolsista voluntário no 29º FETESP.*

“Eu apenas sou  
Um a mais, um a mais  
A falar dessa dor  
A nossa dor.<sup>5</sup>”

Os primeiros grupos que chegam no FETESP costumam ser recheados de crianças em suas várias fases. Carregam de bagagem seus alumbramentos

que respingam na adultice e nos lembram, como bem mencionou Lígia Helena, que a adolescência não nos abandona; só se esconde em sua toca de sobriedade para dar as caras vez ou outra. Os espetáculos *Longe da Vista Chinesa*, do Núcleo Atuará; *Tudo Aquilo que Sei Sobre o Amor*, do grupo Do Pátio ao Palco; e *3024 - Uma Odisseia Inbox*, do Teatro Singular, respingaram em mim não só doçura. Não só deslumbre. Mas também violência.

Me pego pensando agora no futuro que estamos pavimentando para os nossos mais novos. De qual nascente brota essa desesperança? Essa despromessa de dias melhores? Esses ecos de violência nas escolas? Quem (e o que) herdará essa terra esmorecida?

É claro que há recortes e recortes. Quando vejo um elenco lindo e preto falando sobre o amor - e, inevitavelmente, sobre os seus avessos - vejo certos retalhos costurados. Vejo um exagero adolescente sobre os dramas de um primeiro contato romântico, típico da idade, mas também vejo canções de escárnio, corações machucados, melancias despedaçadas e seus restos servindo de banquete para alguns. É este o amor que esses corpos têm recebido? Vejo muito amor na beleza bruta de uma avó que faz feijão preto para sua netinha. E vejo a possibilidade de falar questões mais urgentes desses jovens, como quando uma atriz comenta no debate que namorava uma menina mais velha, mas teve que terminar porque os pais dessa eram homofóbicos. Isso também é material poético, dos mais ricos, mais honestos e viscerais. Espero que daqui a 100 anos essas questões pertençam ao século passado. E falando em futuro, a galera do Colégio Singular

projeta visões pessimistas que talvez não estejam tão longe da realidade. Quando questionados se acreditavam que aquela distopia era nossa iminência, a maior parte do grupo disse que sim, numa naturalidade que maltrata. Eu vejo carinhas sorridentes falando sobre a completa desumanização de nossa gente. Sobre a inevitabilidade de uma crise ética sobre a dominação das máquinas. Vejo um ser humano varrendo o palco incessantemente. Tudo isso com muito bom humor, que eles sabem fazer bem, mas carregado de uma angústia que não sei se todos entendem. Rir de desespero também é rir.

Por fim, há uma violência longe da vista chinesa, que só aqueles que nada sabem ou sabem tudo (algo assim) enxergam. Violência explícita, violência literal, violência narrada, violência metafórica, violência. Qual violência escolher? A escola é um ambiente violento, o rascunho de um filme de terror. Será a tempestade? Será o demônio do cerradinho? Será Deus? Serão as crianças? Serão nós? Onde nasce o desejo por sangue, por ouvir o estalar de ossos quebrados? Eu vejo mistério, vejo e não vejo. Vejo algo inconsciente brotando nos atores. Quase vejo escolas alagadas. Vejo mesmo o medo juvenil daquilo que não se é dito entre nós adultos.

Teatro: lugar de onde se vê. Se vê o que? A vista chinesa? A distopia? O coração desses atores todos? E a gente, vendo as questões dessa nova geração, faz o quê? Fecha os olhos e finge que não vê?

Não tenho respostas hoje. Borbulha dentro de mim uma angústia. Que bom que o teatro possibilita recortes de realidades em invólucros oníricos. Quero aprender a sonhar também. A ter coragem no co-

## *AINDA REVERBERA*

ração. A esperar, verbo bonito que ouço muito por aqui. O que vimos? O que sentimos? Acho que aprendo muito com essas crianças.



# PELA PRIMEIRA VEZ TIVE VONTADE DE ESCREVER

POR INGRID MANGOLINI DOS ANJOS

*estudante do Colégio Singular, de Santo André.*

**E** escrevo isso voltando para casa, saindo de cinco dias corridos e cansativos, porém cheios de conteúdos e experiências que levarei para o resto da minha vida. Trago aqui um pensamento e um ponto de vista sobre o teatro.

Grupos de faculdade e pessoas se especializando

em artes cênicas e seus adjacentes foram grande parte do festival. Eu não estava nesse conjunto. Me perguntaram por algumas vezes: vai tentar cênicas para faculdade? A resposta é não.

O teatro, para mim, ocupa um lugar especial, salvou-me em várias situações; no período pós-pandêmico salvou-me do medo de socializar e conhecer pessoas novas; antes disso, ele já havia me salvado da minha forte e dominante timidez. Apresentar *3024 - uma Odisseia Inbox* teve um espaço característico de me dar, pela primeira vez, coragem para falar, de ter personagens. Por isso digo que essa arte ocupa um espaço de conforto muito grande em minha vida, sei que sempre que precisar, terei ele ali, por mim.

Não sei se farei mais peças, mais festivais, mas sei que o teatro estará lá quando eu for procurá-lo. Cada peça reforça esses sentimentos em mim, desde o choro em *Irmãos Coragem*, as risadas e reflexões em *Pavilhão Cabaré*, e sentimentos inexplicáveis que as outras me trouxeram.

Posso não querer seguir essa área profissional, mas a amo de uma maneira estarrecedora.



# ESTE (NÃO) É UM TEXTO PARA O JORNAL BULI

POR IVAN FREITAS

*estudante da Fatec de Tatuí.*

**P**eço desculpas, pois me organizei mal. Mas é que o tempo passa e a gente vai perdendo a noção. Caixas de papelão protestam e são lar. No meio de uma praça a cena nunca é única. Velhos leem jornal, comem pastel de queijo sentados em seus fieis bancos de concreto.

Tanta gente passa e a gente perde a noção do quão importante é o agora, do quão importante são estes espaços e seus transeuntes. Desde o almoço à caminhada de um trabalho para o outro, nos cruzamos em curtos momentos de cumplicidade; todo mundo tá na correria. Corres de quem produz, de quem apresenta, de quem corre pra fazer essa festa acontecer. A vida tá corrida por esses dias, a ansiedade vai rodando e parece que não dá tempo de fazer nada, enquanto fazemos tudo.

Búfalos fogem da prisão, mulheres viram rádio, vacas andam de perna de pau, madames morrem e nascem.

Estive presente em dois anos consecutivos de FE-TESP, anteriormente como produção e, atualmente, como membro de um grupo artístico. Ambas são experiências distintas, exaustivas e maravilhosas! Maravilha estar rodeado dessa gente e de suas artes, - produção também é arte - maravilha fortalecer encontros, reencontrar e possibilitar novos! Comi pastel com caldo de cana, chorei, ri, gostei, desgostei, me interessei, cansei, enrolei cabos e desenrolei conversas, mas infelizmente não tive tempo de escrever um texto para o jornal. O tempo passa e já estamos a caminho do último dia! Que loucura gostosa!

Gente de teatro é gente do mundo; é povo

Vi, ouvi

vi vi muito durante esses dias! Sempre bom celebrar a vida com vocês.



# PEÇA-CONFORTO

POR SOPHÍA “SOSA” SALVI

*estudante do Colégio Singular de Santo André.*

**E**xtremamente ansiosas para assistirmos o maior número de peças estudantis durante o festival, ficamos decepcionadas por mais uma vez. Por conta da trabalhosa montagem de nossa peça, não pudemos assistir alguns processos. Assim, ficamos muito contentes por podermos

assistir estudantes da E.E. Nairzinha, estudantes que, assim como nós, compõem um grupo ligado à escola que estudam ou estudavam.

A peça gerou um sentimento geral para nós, do Teatro Singular: ela é bastante confortável. Imagino que esse aconchego venha de vários fatores, mas em grande parte por conta da identificação. Comentei no texto anterior sobre a casa da minha vó, em Mauá, no ABC, e foi impossível não pensar na Vovó Ana e chorar junto quando a personagem fala das saudades de sua vó. Todas nós, sem exceção, nos identificamos com as decepções amorosas e relacionamentos infelizes demonstrados na peça. Por isso é tão bom sermos adolescentes e ver adolescentes falando sobre ser adolescente. Mexe lá no fundo. Afinal, acho que a peça só é tão confortável porque vocês também falam do amor entre amigos.

E estando entre amigas, ela acabou virando, entre as Singu Ladies, nossa peça-conforto.



# CONCLUSÕES

POR SOPHÍA “SOSA” SALVI

*estudante do Colégio Singular de Santo André.*

**E**m primeiro lugar, obrigada Macunaíma por me fazer voltar com essa ideia. Quero falar sobre conclusões. Hoje eu senti conclusões, me estendendo mais no Festival do que eu "deveria". O momento de finalização do Festival não coincidiu com o momento em que tive que me despedir

de várias amizades. Não finalizações, conclusões.

Enfim, voltando às peças: conclusões. A nossa peça (3024 - *Uma Odisseia Inbox*) é uma peça que traz conclusão, ela traz uma perspectiva, um ponto de vista, sobre o futuro, sobre esse momento daqui 1000 anos. E embora eu ame essa peça, não acho que essa conclusão pessimista deva ser a única apresentada. É que é foda também ser jovem em 2024, falta de perspectiva, neoliberalismo, terceirização, essa porra toda, aí acabam saindo umas conclusões assim mesmo. Mas enfim, com bastante inspiração da Cia Coxixo, que aborda mais diretamente essa discussão sobre finais (não à toa essa foi nossa pergunta ao grupo), fiquei pensando no que falamos a partir dos nossos finais. E óbvio, você não assiste só o final da peça (espero que não), se assiste a peça toda. Só quero dividir pra tentar analisar especificamente essa parte.

Eu gostei das conclusões, inclusive a nossa. Gostei da conclusão em *Vista Chinesa*. Gostei daquela de *Corpos Territórios*. Na verdade, acho que parece muito com a nossa (principalmente a partir da fala das meninas). Gostamos, especialmente, da conclusão das *Irmãs Coragem*. Acho que gosto mais do fato das peças terem me feito pensar sobre isso do que se os finais são "felizes" ou "tristes" afinal. Mas, apenas se pá, se queremos pensar um futuro para além desse neoliberalismo, da falta de perspectiva (porque, poxa, ser jovem em 2024 é foda), talvez a gente possa brincar de imaginar finais felizes, para em 3024 ser um pouco menos foda. Obrigada, Cia Coxixo, por nos fazerem ter essa ideia.



# **BASTIDORES**

**POR CAMILA FONTENELE**







# EXPEDIENTE

## **Coordenador editorial**

Antonio Salvador

## **Produção editorial**

João Fabbro

## **Coordenadora de comunicação**

Luiza Lorenzetti

## **Arte design**

Lívia da Silva

## **Assistente Arte design**

Luiza Devasa

## **Revisão de textos**

João Fabbro

Roberto Anzai

Tadeu Renato

## **Colaboradores**

Ana Julia dos Santos

Ana Letícia Nunes

David Rodrigues da Conceição

Gabriel Iago

Ingrid Mangolini dos Anjos

Ivan Freitas

James Furlaneto Rocha

Kaião

Lucas Rosário

Lohu Saron

Murilo Delesposti

Nataly Duarte dos Reis Franceschini

Rafa Breves

Sophía “SoSa” Salvi

Soraya Martins

## **Fotógrafo**

Camila Fontenele

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
L.º 13.063/2014

patrocínio

---



parceria

---



PREFEITURA DE TATUÍ

Secretaria de  
ESPORTE, CULTURA,  
TURISMO E LAZER

realização

---

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório  
de música e teatro

**CULTSP**

Secretaria da  
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO  
GOVERNO DO ESTADO  
SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO